

Resenha

NASCIMENTO. Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Editora Perspectiva. Rio de Janeiro. 2019.

(A)Quilombar é viver

Suelen Karini Almeida de Matos¹

Recebido em: 22/03/2024

Aprovado em: 05/05/2024

Desde a primeira vez que tive contato com o conceito de quilombismo proposto pelo autor Abdias Nascimento senti que um novo universo estava se abrindo para mim, mas não era algo estranho, me vinha a sensação de que as propostas apresentadas por ele eram comuns à minha vida, história e ancestralidade. Ao aprofundar-me em sua obra tive a certeza que sua narrativa vinha de longe, assim como nossos passos negros, como bem proclama Jurema Werneck. Como uma linha do tempo que une passado, presente e futuro, Abdias Nascimento traz com mestria o contexto brasileiro e africano na formação da sociedade brasileira, cruzando o transatlântico enunciando práticas e pensamentos que, em meio a violência estrutural que o povo negro vivenciou, direcionam para a construção de uma vida para além dos moldes hegemônicos.

¹ Doutoranda em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: suelenmatos@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1383-5950>

Em 10 documentos, podemos ter contato com momentos emblemáticos presenciados pelo autor em encontros internacionais e nacionais com foco nos debates sobre a realidade da população negra em cenários onde o contexto de colonização moldou as sociedades. Essa intersecção espacial demonstra o quanto o processo colonial foi forte e atingiu um grande número de pessoas negras, legitimando, principalmente para os desacreditados sobre a existência do racismo, o quanto a violência racial tomou conta de vários pontos do mundo reverberando na ausência dos direitos básicos dessa população, na qual também faço parte.

No presente texto trarei alguns pontos que acredito que são direcionadores de uma proposta de existência progressista que é o quilombismo, que busca romper com as amarras do sistema capitalista e branco. Além disso, ressaltarei as críticas necessárias que o autor apresenta diante da ausência de recortes raciais dentro dos movimentos de esquerda e militante nas quais teve contato ao longo de sua trajetória.

Um dos aspectos que mais fascinou-me na obra do autor foi o fato dos documentos se mostrem tão atuais, Abdias já chamava a atenção para discussões que ainda permeiam os dias de hoje. O que traz duas sensações: por um lado, mostra sua visão inovadora e sensível diante das relações sociais, por outro, mostra o quanto nossa sociedade tem evoluído pouco quando o assunto é o combate às diferenças estruturais.

Começo minha análise trazendo pontos a respeito do que os estudos feministas denominam de interseccionalidade. Nesse ponto, acredito que seja de grande importância a problemática trazida pelo autor quando menciona o incômodo sentido ao ter contato com militantes e pesquisadores pertencentes a esquerda brasileira, onde o debate racial era defasado e colocando em segundo plano. Essa narrativa me lembrou quando a antropóloga negra Lélia Gonzalez coloca luz na dificuldade de o movimento feminista branco legitimar as especificidades da vivência das mulheres negras nas pautas políticas, ela conta o quanto teve que lutar para que a racialidade fosse levada em consideração em anexo ao gênero.

Achei formidável quando, logo nos primeiros documentos, o autor menciona a importância e a presença de mulheres negras nas ações de resistência durante o logo período de escravização do Brasil. Esse ponto é algo, que sempre me gerou certo

incômodo ao longo do meu processo de aprendizado na escola quando mais nova, pois existiam duas percepções muito fortes sobre a população negra: a primeira era sobre uma “passividade” em relação às violências vividas; segundo, seria quando as imagens de mulheres negras eram negligenciadas como atuantes na revolução e luta pela liberdade. Esses aspectos já caíram por terra nos dias atuais, mas ainda tem aqueles que insistem em continuar reproduzindo uma única história, fortalecendo imagens de controle em relação a população negra, em especial, às mulheres.

No documento 2, o autor aponta os vínculos pertencentes às lutas realizadas pela população negra no contexto africano e brasileiro, enaltecendo a importância da existência dos quilombos como espaços de organização política, diante disso, ele coloca o quanto as mulheres foram importantes na organização e realização das guerrilhas em prol da liberdade. Esse momento do texto me chamou muito a atenção, afinal, quando temos contato com a história da formação de nossa sociedade no período colonial brasileiro, isso, na época da escola, somos ensinados de que a libertação da população escravizada foi graças a um suposto movimento abolicionista com forte presença branca e que devemos agradecer a princesa Isabel por ter assinado a carta de alforria em 13 de maio de 1888.

Essa história única sempre me trouxe a sensação de uma suposta passividade, como se a população negra aceitasse tal situação, sendo que na verdade, a luta pela liberdade e por novas formas de existência era constante. Uma figura marcante que Abdias Nascimento menciona neste documento é de Zeferina, quanto em 1826 liderou uma revolta na Bahia, onde (...) valentemente manejou o arco e a flecha, lutando com denodo antes de ser capturada (NASCIMENTO, p. 75). Assim, por mais que tenhamos contato com uma perspectiva branca e machista da história, devemos compreender que as mulheres negras foram personagens de extrema importância diante da luta pela liberdade, e que permanece até os dias atuais, afinal, a abolição não foi um ação que contribui para novas perspectivas de vida para a população negra, muito pelo contrário, a verdade é de que (...)aboliram qualquer responsabilidade dos senhores para com a massa escrava; uma perfeita transação realizada por brancos e para o benefício dos brancos (NASCIMENTO, p. 87).

A grande verdade é de que essa suposta liberdade fez com que milhares de pessoas negras fossem alocadas no lugar da precariedade de vida, ou seja, é como se eles tivessem sido retirados de uma situação ruim colocados em outra, mas aos olhos da sociedade branca, essa população estaria livre para construir suas vidas. Nesse momento, esse grupo percebe-se sem direitos básicos de existência, sem o mínimo de qualidade de vida e direitos, restando apenas ocupar a margem da sociedade. Homens e mulheres negros foram impactados por esse momento, em suas distinções, é claro. O trabalho, os corpos e o lugar social foram diferentes e isso, por muito tempo, não foi levado em consideração seja pelo movimento negro, quanto pelo movimento feminista e pela esquerda. Ao longo dos documentos, o autor traz algumas pinceladas sobre a perspectiva de gênero diante da realidade da população negra, mas seu foco acaba sendo os aspectos de classe, algo que também acredito que seja de grande importância colocar em pauta, porém, se tem algo que aprendi com a grandiosa antropóloga Lélia Gonzalez é de que é praticamente impossível desassociar esses três marcadores sociais quando diante das análises das sociedades e/ou grupos de pessoas.

Abdias Nascimento foca nessa temática no documento 6, onde ele mesmo denomina como “breve nota”, partindo na discussão sobre a exploração sexual da mulher negra na história de formação do Brasil. Me chamou a atenção sua escolha ao iniciar a reflexão desse ponto, tendo em vista que a cultura do estupro está presente em várias sociedades como uma das principais ferramentas de dominação masculina, afinal, a violência e exploração sexual raramente é sobre sexo, mas sim, sobre a sensação em dominar o outro através da materialidade do corpo. Nesse documento ele narra o quanto os senhores utilizavam os corpos das mulheres negras como objetos sexuais para si e para os seus, fortalecendo o mercado de prostituição que, com o passar dos anos, se matem com outro nome: mulata exportação. A exploração sexual das mulheres negras também foi uma ferramenta para a o enfraquecimento da população, assim, percebe-se o surgem, quando eram do sexo feminino, começaram a ser preteridas para saciar o desejo carnal dos homens brancos.

A produção literária e todos os meios de comunicação ao logo do período da história brasileira, legitimaram o lugar social e criaram um estereótipo da “mulata”, sua

representação é (...) resultado da prostituição sistemática da raça negra (NASCIMENTO, 2019, p. 264), e ainda mais, que (...) as mulheres negras e mulatas são as vítimas acessíveis, vulneráveis à agressão e controle da camada branca dominantes (NASCIMENTO, 2019, p. 265). E essa imagem que se vendia para o exterior, de uma “presa fácil”, uma figura vazia e pronta para ser capturada, enquanto isso, para os homens brasileiros, essa “mulata” se torna aquele ideal para apenas “fornicar”.

Quando colocamos essa figura ao lado da mulher branca e da mulher negra, percebemos que as imagens atribuídas a cada uma delas é diferente, como menciona González (1979), constitui-se assim (...) uma nova interpretação de um velho ditado: “preta para cozinhar, mulata para fornicar e branca para casar” (GONZALEZ, 1979, p 59). Ou seja, os corpos das mulheres negras são preteridos para servir, seja diante do trabalho doméstico, seja pela exploração sexual, mas nunca para amar.

Mesmo essa resenha não tendo como foco falar sobre a (s) obra (s) da autora, eu acredito que ela seja de extrema importância para auxiliar na interpretação dos escritos de Abdias Nascimento (e de qualquer outro autor (a) (es) brasileiro (a) (os) (as)), afinal, ela é um dos grandes nomes do feminismo negro brasileiro, sendo até admirada pela filósofa estadunidense Ângela Davis, pois foi ela quem chamou a atenção do movimento negro brasileiro a respeito da pauta de gênero e fez o mesmo para questões raciais dentro dos coletivos feministas. Ela falava de interseccionalidade quando o termo ainda não havia chegado no Brasil com toda a sua visão progressista sobre a realidade brasileira. Com isso, ela traz um caminho importante de reflexão sobre o quanto devemos contemplar diferentes nuances existenciais quanto falamos da realidade das pessoas, pois as experiências do mundo serão diferentes diante do lugar que você é colocado.

Em vários momentos nos textos de Abdias Nascimento ele problematiza o quanto a esquerda brasileira negligência o aspecto racial, onde ele aponta que os ditos como progressistas marxistas acreditam que (...) “trata-se de um problema de pobres e ricos, um problema de classes, e não de raça” (NASCIMENTO, 2019, p. 170), ou seja, ele faz o mesmo que Lélia fez em outros espaços, trazendo a importância de olhar como mais atenção para o movimento no qual os eixos e ideológicas sociais articulam-se para

que consigamos construir estratégias mais assertivas em busca da mudança, além de sair da tão conhecida dinâmica de universalização das existências do atores sociais, algo que ainda é necessário lutar nos dias atuais.

Os textos redigidos nos documentos presentes na obra são anteriores ao movimento de formação das ações afirmativas que contribuíram para a ocupação das universidades por parte da população negra, mas é incrível como em sua narrativa Abdias enaltece as vozes atuantes dentro e fora da acadêmica como potenciais de mudança.

O autor traz um levantamento de nomes importantes da produção de conhecimento negro nacional e acredito ser importante ressaltar que quando se fala em intelectualidade negra, ultrapassamos os muros das instituições de ensino, ocupando o teatro, a música, a literária, arte visuais e saberes ancestrais. O conhecimento negro não é hegemônico, ele é acessível, móvel, científico e subjetivo, ele traz em suas raízes diferentes formas de se comunicar com os seus e com os outros. Isso é fascinante e demonstra o quanto a população negra possui sua forma de existência e comunicação que diferem da dinâmica branca.

Com isso, percebe-se que a branquitude não aceita os formatos artísticos e teóricos que a população negra oferece ao mercado, deslegitimando as mensagens aplicadas e as propostas oferecidas, como bem coloca o autor quando menciona o sistema de “apadrinharem” que favorece artistas negros quando vão entrar em galerias de arte ou ter peças patrocinadas, segundo ele, “o pobre do negro artista, sem infraestrutura econômica, sem suporte social e familiar, tem sido a vítima desse racismo sutil e frustrante” (NASCIMENTO, 2019, p. 169). Assim como em outros aspectos da sociedade, as produções negras são colocadas em situação de menos valia e/ou ignoradas. Um bom exemplo é quando olhamos para dentro das ementas das disciplinas propostas na antropologia, onde grande parte dos autores presentes são brancos, homens e europeus, que produzem propostas etnográficas extremamente elitistas.

Nos dias atuais, percebemos um movimento maior em relação a presença negra nas áreas citadas acima, ainda existem alguns nichos que os produtores negros acabam

tendo que ocupar para serem aceitos, como, atores negros que estão sempre presentes em papéis que retratam contexto de favelas ou periferias. Autores negros que só são reconhecimentos se suas obras falarem sobre racismo de uma determinada forma, dos pontos de vista do sofrimento e não da resistência e existência. O que nos resta é continuarmos rompendo com as barreiras impostas pelo sistema para que possamos construir nossas narrativas e criar o próprio mercado cultural, para que o nossos possam ter acesso ao que se produz, criando assim uma espécie de rede de apoio e consumo de narrativas. Um quilombamento cultural, relacional e econômico como chave para a construção de nossa própria existência.

Falando nisso, uma vez fui a uma palestra da filósofa negra Katiúscia Ribeiro onde ela falava sobre o futuro ser ancestral, onde olhar para aquilo que vivemos, enquanto coletivo negro, é uma marca que carregamos para o resto de nossas vidas e que será passado para nossos descendentes. Naquele momento comecei a refletir sobre o uso do termo “quilombamento”, algo que vivi em meus campos de pesquisa e enquanto mulher negra pertencente a militância, tal palavra sempre me trouxe uma sensação de casa, afinal, os quilombos foram espaços construídos como projetos de luta a existência daqueles que vieram antes de mim.

O Quilombismo, conceito que encabeça a coletânea de documentos de Abdias Nascimento, traz, em sua mais profunda essência, uma sensação de luta, essa que é (...) anti-imperialista, se articula ao pan-africanismo e sustenta radical solidariedade com todos os povos em luta contra a exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades (...) (NASCIMENTO, 2019, p. 284), algo que eu enxergo como pura interseccionalidade na prática. Então, o autor traz, nos documentos anteriores, ao de número sete, que leva o nome de “quilombismo”, todo um olhar ao que foi vivido, resignificando o que foram os quilombos saindo do senso comum de espaços criados por e para “escravos”² fugidos, mas como estruturas de sociedades fortes. A percepção é de que ele constrói uma linha de raciocínio que abarca várias camadas de temas e acontecimentos que implicam na

² Uso a palavra escravos com aspas pois, ao longo do livro, o autor a usa de maneira livre, porém, sabemos que nos dias atuais existem diversos debates problematizando o uso dela; O correto é referir-se como “pessoas escravizadas”, afinal, as pessoas não eram escravas, mas estavam condicionadas a essa situação. Esse outro uso das palavras rompe com a naturalização da imagem do negro como “escravo”.

construção do conceito principal da obra. Todo esse preparo metodológico, faz com que consigamos ter uma dimensão muito maior da proposta política e revolucionária que o quilombismo propõe.

O quilombismo propõe uma nova ordem política e econômica, onde o sujeito negro está no centro da tomada de poder, este que não é praticado do ponto de vista branco, mas sim, a partir da lógica proposta pelos quilombos de algo coletivo, onde todas as pessoas presentes possuem seus espaços de participação dentro da comunidade. Quando digo comunidade, não me refiro apenas a espaços como cidades, bairros, etc., mas também coletivos negros, pois também são pessoas que se organizam politicamente em busca de mudanças, seja em territórios urbanos ou não. E é isso que acredito que o autor deixa como herança para nós, negros leitores, negros pesquisadores, negros militantes, pessoas negras: somos capazes de criar nossa própria existência, afinal, existe uma conexão política e simbólica entre nossos ancestrais que foram fundadores dos quilombos e nós, sujeitos contemporâneos, e que, com isso, podemos (e devemos) nos apropriar de todo esse conhecimento para decretarmos a forma como queremos e merecemos viver. Sei que lutar contra um sistema tão grande parece impossível, mas o quilombismo propõe esse movimento de mudança tanto para nós, quanto para aqueles que ainda virão.

Que lansã nos abençoe com seus fortes ventos e que nos levem para um
caminho melhor.

Axé!

Referências:

GONZALÉZ. Lélia. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: Por um Feminismo Afro-latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos. Org: Flávia Rios e Márcia Lima. 1 ed. Rio de Janeiro. Zahar. 2020, p 45 – 64.

NASCIMENTO. Abdias. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista/ Abdias Nascimento; com prefácio de Kabelê Munanga; e texto de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. 3 ed. rev. São Paulo. Editora Perspectiva. Rio de Janeiro. IPEAFRO. 2019.